

Comportamento Semanal de Mercado

16 a 23 de junho

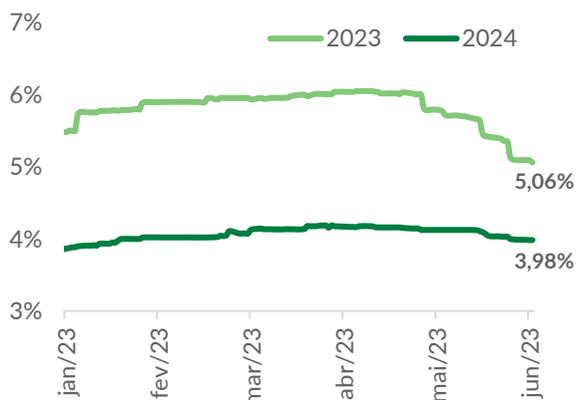


Apesar de

Com a frustração trazida pela não sinalização do começo do processo de flexibilização, a divulgação da ata do Copom assume fundamental importância para a avaliação prospectiva da Selic. Porém, mesmo com uma probabilidade menor, o Boletim Focus manteve a projeção de início em agosto. Todavia, a estimativa do corte reduziu-se de -0,50 p.p. para -0,25 p.p.. Com o balanço de riscos positivo, as expectativas inflacionárias de 2023 saíram de 5,71% há 4 semanas atrás para 5,06%, enquanto as de 2024 diminuíram no mesmo período de 4,12% para 3,98%. Com decisões que podem impactar as expectativas, aguarda-se que o CMN mantenha a meta de 3% para 2026, mas promovendo uma mudança do prazo para o seu cumprimento de ano-calendário para um sistema contínuo. A divulgação de indicadores antecedentes nos EUA e Europa, indicando uma desaceleração mais acentuada da atividade, pesou no apreçamento dos ativos de risco, como as *Treasuries*, as ações e os ativos relacionados às *commodities*, além do dólar nos mercados internacionais. Entretanto, beneficiando-se do fluxo cambial positivo, cujas entradas somaram US\$ 10,57 bilhões em 2023, até o dia 16, o real descolou-se de seus pares apreciando-se 0,8%, com isso o dólar encerrou a semana cotado a R\$ 4,78. Apesar do desapontamento das expectativas com a ausência de uma sinalização de um corte na Selic, houve uma queda nos prêmios na curva de juros que pode ser explicado não só pelo otimismo interno, mas principalmente pelo efeito desinflacionário da ameaça de uma recessão global. Ainda, os dados da arrecadação federal indicaram um crescimento real de 2,9% na base interanual, sustentado pelos tributos relacionados ao mercado de trabalho. Na semana, além dos documentos essenciais para calibrar as expectativas para a Selic, as atenções também se voltam para o comportamento do IPCA-15 em junho e do mercado de trabalho em maio.

Expectativas

IPCA - Mediana das projeções



Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Mesmo com a frustração produzida pela ausência de uma sinalização mais clara para a flexibilização monetária pelo comunicado do Copom, o Boletim Focus apontou para agosto o início desse processo. Entretanto, a queda estimada passou de -0,50 p.p. para -0,25 p.p.. Para o final de 2023, manteve-se em 12,25% a.a., para 2024 em 9,50% a.a. e a para 2025 em 9,00% a.a..

O balanço de riscos positivo para a inflação mantém o processo de queda nas expectativas inflacionárias. A reunião do CMN desta semana que definirá a meta para 2026 poderá ter impacto na evolução prospectiva das estimativas. Assim, no Focus, a mediana das expectativas para 2023 reduziu-se de 5,12% na semana passada para 5,06% (5,71% há 4 semanas). Para 2024, o horizonte relevante de 2024, as projeções caíram de 4,00% para 3,98% (4,13% há 4 semanas), permanecendo em 3,80%

para 2025 (4,00% há 4 semanas). No curto prazo, a mediana das projeções para junho passou de -0,04% para -0,09%, ao passo que as para julho e agosto se mantiveram em 0,30% e 0,22%, respectivamente. A inflação implícita na curva de negociação das NTN-Bs para o prazo de 1 ano subiu de 3,79% para 3,89% e a de 2 anos de 4,36% para 4,38%, enquanto a de 3 anos reduziu-se de 4,73% para 4,70%.

Ainda ajustando-se aos indicadores recentes, o crescimento esperado do PIB subiu de 2,14% para 2,18% para 2023, de 1,20% para 1,22% para 2024 e de 1,80% para 1,83% para 2025. Sem alterações, as estimativas para as taxas de câmbio continuaram em R\$/US\$ 5,00 no fechamento de 2023 e em R\$/US\$ 5,10 para o final de 2024. Para 2025, oscilaram em -0,6% para R\$/US\$ 5,15. Finalizando, o déficit primário projetado em relação ao PIB manteve-se em -1,01% para 2023 e em -0,80% do PIB para 2024. Por sua vez, oscilou de -0,50% do PIB para -0,45% para 2025.

Economia Internacional

Sinalizando uma desaceleração mais acentuada da economia do que a prevista, os indicadores antecedentes de atividade nos EUA e na Europa elevaram o receio com uma recessão global, agravado pelo aperto monetário e pela persistência inflacionária. A prévia do índice de gerentes de compras (PMI) composto da Zona do Euro para junho, medida pela S&P Global, caiu -2,5 pts. em relação a mai/23 para 50,3 pts., com a queda sendo puxada tanto pela manufatura, que passou de 44,8 pts. em mai/23 para 43,6 pts., quanto pelo setor de serviços, de 55,1 pts. em maio para 52,4 pts.. Resultados similares foram observados também nos índices do Reino Unido, Alemanha e França.

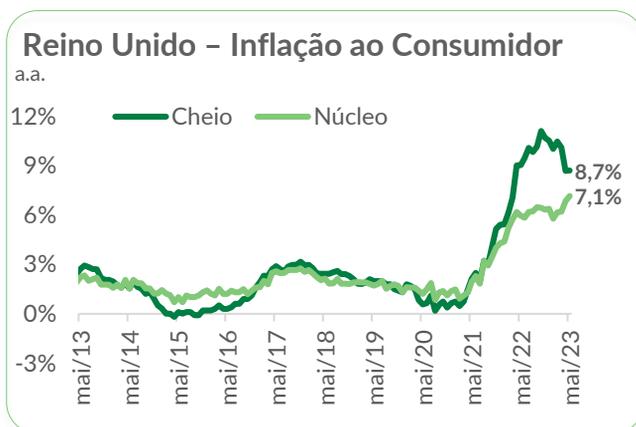
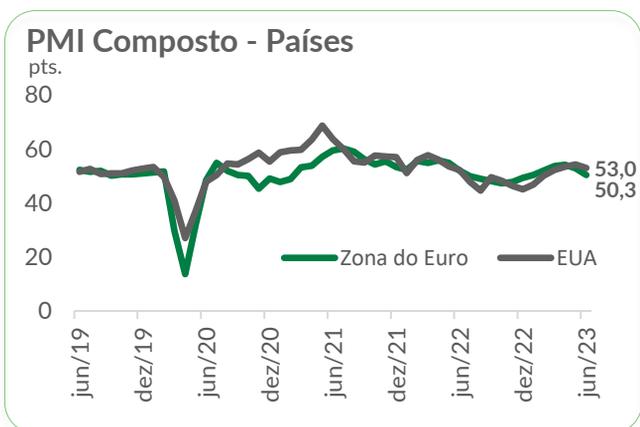
Em consonância, o PMI composto dos EUA caiu de 54,3 pts. em mai/23 para 53,0 pts., atingindo o menor nível em 3 meses, resultado pior do que o previsto de 53,3 pts., respondendo à maior contração no setor industrial (48,4 pts. para 46,3 pts.) e o arrefecimento de serviços (54,9 pts. para 54,1 pts.). Ainda, os pedidos de auxílio-desemprego nos EUA totalizaram 264 mil na semana encerrada em 17 de junho, inalterados em relação à semana anterior e acima das expectativas de 256 mil.

Os dados recentes apontam para uma recuperação do mercado imobiliário nos EUA, que havia sentido substancialmente o aperto monetário do Federal Reserve (Fed). As construções de novas casas aumentaram 21,7% na margem, em maio, para um total anualizado de 1,63 milhão (1,34 milhão em abr/23). As construções de residências unifamiliares cresceram 18,5% no mês para 841 mil e os pedidos de construção, um proxy para a construção futura, aumentaram 5,2% em relação a abr/23 para 1,49 milhão. Já as vendas de moradias usadas tiveram alta de 0,2% em maio em relação a abr/23, após a queda de -3,2% em abril, para 4,30 milhões, resultado acima do previsto de 4,25 milhões.

Em resultado preliminar, a confiança do consumidor na Zona do Euro subiu de -17,4 pts. em maio para -16,1 pts., de acordo com a Comissão Europeia, enquanto se previa -17,0 pts.. No Reino Unido, a inflação ao consumidor (CPI) avançou 0,7% na margem, em maio, acima das expectativas de uma alta de 0,4%, fazendo com que a taxa anualizada ficasse em 8,7% a.a., mesmo nível do mês anterior e acima dos esperados (8,4% a.a.). O núcleo que exclui os preços de alimentos e energia subiu 0,8% no mês, acelerando de 6,8% a.a. em abril para 7,1% a.a., indicando que as pressões inflacionárias domésticas ainda estão se fortalecendo.

A dinâmica deu mais subsídios para que o Banco da Inglaterra (BoE) aumentasse novamente os juros. Com a deterioração não esperada dos núcleos de inflação, o BoE acelerou o ritmo de ajuste e elevou a taxa básica de 0,50 p.p. para 5,0% a.a., para o maior patamar desde abr/08. No mesmo sentido, o Banco da Noruega também elevou sua taxa em 0,50 p.p. para 3,75% a.a. e o da Suíça ajustou em 0,25 p.p. para 1,75% a.a.. Enquanto os bancos da Indonésio e Filipinas mantiveram os juros de referência em 5,75% a.a. e 6,25% a.a., respectivamente.

Em meio aos sinais de perda de intensidade da recuperação pós-Covid, o Banco da China reduziu suas taxas referenciais de juros em 0,10 p.p.. Com isso, a taxa de empréstimos (LPR) de 1 ano passou de 3,65% para 3,55% a.a. e a LPR de 5 anos de 4,3% para 4,2% a.a.. Essas medidas, contudo, desapontaram o mercado que esperava por um suporte mais amplo, particularmente ao setor imobiliário.



Fonte: Bloomberg. Elaboração: ABBC.

Aversão ao Risco

A ciclotimia dos mercados ficou evidenciada na volatilidade produzida pela conjugação dos receios produzidos pela leitura dos indicadores antecedentes de atividade nos EUA e Europa com as prováveis 2 elevações adicionais na taxa básica de juros que será promovida pelo Fed.

Na sexta-feira, 23, a ferramenta FedWatch da CME apontava uma probabilidade de 72,0% para que ocorra um aumento de 0,25 p.p. na reunião de política monetária em julho. Ao reduzir o apetite de risco, o maior sentimento de que o lento processo desinflacionário exigirá um sacrifício global alimentou a fuga de ativos de maior risco.

A divulgação dos indicadores antecedentes, ainda na sexta-feira, reduziu os preços das *Treasuries* e, também, das cotações das ações e dos ativos relacionados à *commodities*. Assim, na semana, o retorno das *T-Notes* de 2 anos oscilou de 4,70% para 4,71% a.a., de 5 anos permaneceu em 3,99% a.a., o de 10 anos caiu de 3,77% a.a. para 3,74% e o de 30 anos de 3,86% a.a. para 3,82% a.a.. Com o avanço dos temores de uma recessão, aumentou-se a inversão na curva de juros dos *Treasuries*, com o rendimento do *T-note* de 2 anos superando em aproximadamente 1 p.p. o do título de 10 anos. As bolsas nos EUA acumularam quedas semanais, de -1,4% na Nasdaq e na S&P 500 e de -1,7% no Dow Jones.

O aumento de juros promovido pelos bancos da Inglaterra, Suíça e Noruega pesaram sobre os índices acionários na Europa, com as reduções de -3,2% no DAX 40 e de -2,4% no FTSE100. Preponderando as perspectivas de arrefecimento da atividade nas economias, as bolsas asiáticas fecharam com perdas, mesmo após novos cortes de juros na China, caindo -2,7% no índice Nikkei225 e -2,3% no Xangai.

No mercado de *commodities*, o minério de ferro negociado na Bolsa de Qingdao recuou -1,7% na semana, com os investidores analisando até que ponto a China poderá oferecer medidas adicionais de suporte para a economia. Já as preocupações com o efeito das taxas de juros na demanda pesaram sobre as cotações do petróleo, que recuaram -3,6% no mesmo período para US\$ 73,90 o barril.

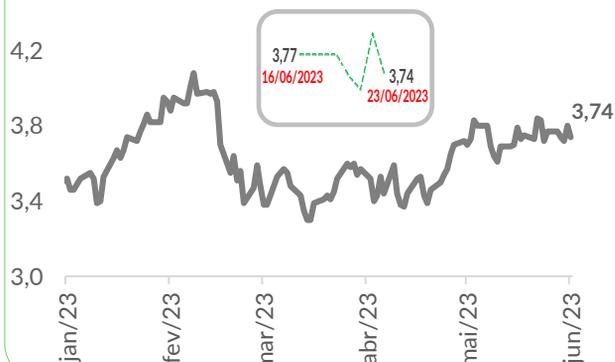
Descolando-se do exterior, o Ibovespa acumulou uma leve alta de 0,2% na semana, completando a 9ª semana consecutiva de valorização. Os ganhos nos setores elétricos, imobiliário e de consumo sustentaram o índice, ainda que a aversão global a risco tenha derrubado as ações de empresas exportadoras de *commodities*. No mesmo sentido, o risco soberano brasileiro, medido pela cotação do CDS de 5 anos, recuou -6,1 bps. na semana para 177,98 bps..

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	23/06/2023	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	118.977	0,2%	9,4%	21,3%
Nasdaq	13.493	-1,4%	8,1%	20,1%
S&P	4.348	-1,4%	5,7%	14,6%
Dow Jones	33.727	-1,7%	2,8%	9,9%
FTSE 100	7.462	-2,4%	-2,2%	6,3%
DAX 40	15.830	-3,2%	-0,1%	22,6%
Nikkei 225	32.782	-2,7%	6,8%	25,3%
Xangai	3.198	-2,3%	-0,2%	-3,7%

T-Note

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

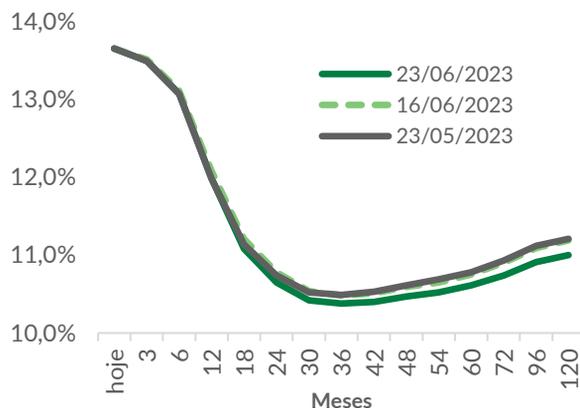
Apesar da frustração das expectativas com a ausência de uma sinalização mais clara de um eventual corte na Selic, houve na semana uma queda nos prêmios na curva de juros. A taxa para o prazo de 6 meses passou de 13,11% a.a. para 13,07% a.a., o de 1 ano de 12,08% a.a. para 11,98% a.a., o de 2 anos de 10,78% a.a. para 10,65% a.a., o de 3 anos de 10,48% a.a. para 10,38% a.a.. A redução também pode ser observada nos vértices mais longos, com o vencimento de 5 anos saindo de 10,75% a.a. para 10,61% a.a. e o de 10 anos de 11,19% a.a. para 11,00% a.a.. Nessa semana, a divulgação da ata do Copom, do Relatório Trimestral de Inflação (RTI) e a definição da meta de inflação pelo CMN ajudarão a calibrar as expectativas para a evolução da política monetária.

O alívio nos prêmios pode ser explicado pelo otimismo propiciado pela tramitação da reforma tributário no Congresso, com uma expectativa de votação para a 1ª semana de julho. Contudo, o efeito mais preponderante adveio da interpretação de que o sentimento de maior cautela no exterior e os receios de recessão global sejam desinflacionários. Dessa forma, a curva de juros local acompanhou o movimento dos *treasuries* e dos bônus europeus, com a diminuição de sua inclinação, com as taxas longos caindo mais intensamente do que as dos demais vértices.

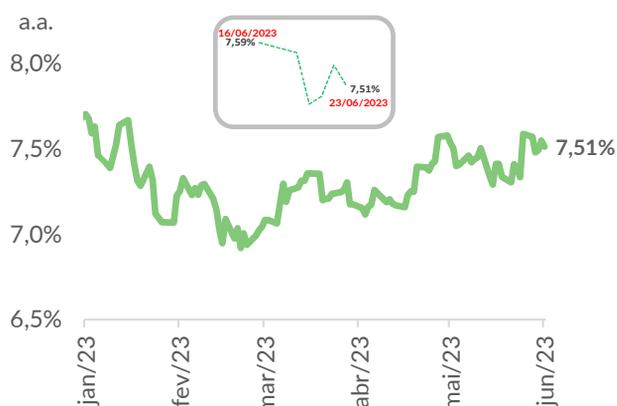
Com a redução de -0,10 p.p. na taxa do *swap* DI prefixado de 360 dias e a queda de -0,02 p.p. na expectativa de inflação para os próximos 12 meses para 4,16%, a taxa real de juros *ex-ante* caiu -0,08 p.p. na semana para 7,51% a.a., entretanto manteve-se ainda em patamar fortemente contracionista.

Por fim, a medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, caiu 0,09 p.p. na semana para -0,98 p.p.. Em linha, o diferencial entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, na divulgação de títulos públicos pela Anbima, recuou 0,08 p.p. para -0,79 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros

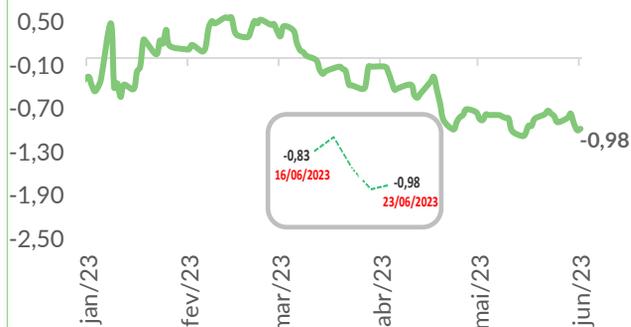


Taxa Real de juros *ex-ante*



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos – em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

Câmbio

Com o crescimento dos temores de uma recessão global, a deterioração na percepção de risco alastrou-se para além das bolsas de valores, fazendo com que o dólar ganhasse força na semana, tanto em relação às moedas dos países desenvolvidos, quanto às dos emergentes.

O *Dollar Index*, que mede a variação da moeda dos EUA em relação às dos países desenvolvidos, aumentou 0,65%, refletindo as depreciações de 0,39% no euro e de 0,81% na libra esterlina.

Em consonância, o índice que mede o desempenho das moedas dos países emergentes frente ao dólar exibiu queda de -1,15%, com destaques para as depreciações de 3,12% no rand sul-africano, de 1,47% no peso argentino e de 0,71% no peso colombiano.

Descolando-se do exterior em meio ao fluxo cambial positivo, o real apreciou-se 0,82% na semana, com o dólar sendo cotado a R\$ 4,78, após alcançar R\$ 4,76 na quarta-feira (21). No ano, a moeda brasileira acumulou uma apreciação de 9,5%, beneficiada pelo fluxo cambial positivo, cujos dados preliminares até 16 de junho apontam ingressos líquidos de US\$ 10,57 bilhões em 2023. A conta comercial foi responsável pela entrada de US\$ 25,21 bilhões, enquanto a conta financeira anotou saldo negativo de US\$ 14,64 bilhões. Em junho, contudo, até o dia 16, o câmbio contratado registrou saldo negativo de US\$ -1,6 bilhão, decomposto por saídas de US\$ -2,0 milhões no canal comercial e de US\$ -1,58 bilhão na conta financeira.

Ainda, o Banco Central atuou no mercado cambial com a rolagem do *swap* cambial com vencimento em 1º de agosto de 2023.

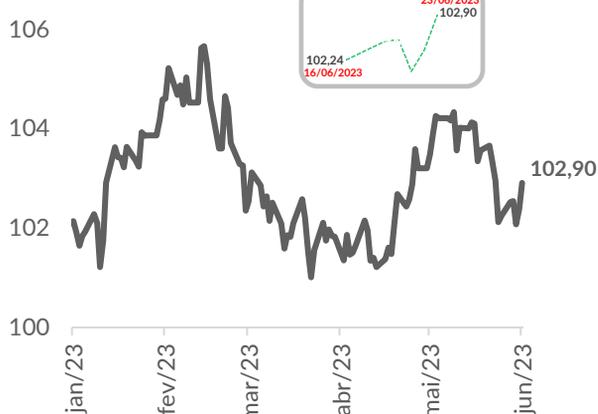
*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Real/US\$



Dollar Index



Índice de Emergentes*



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Copom- Jun/23

O Copom ratificou as expectativas de mercado, mantendo a taxa básica de juros em 13,75% a.a... Entretanto, ainda que o balanço de riscos para a inflação tenha evoluído de maneira favorável desde a última reunião, o comunicado da decisão não trouxe sinalizações claras sobre os passos futuros.

Ademais, o colegiado avaliou que os indicadores recentes continuam compatíveis com o pressuposto de uma trajetória de desaceleração da atividade para os próximos trimestres, assinalando que a surpresa no 1T23 foi fundamentalmente produzida pelo desempenho do setor agropecuário.

Reiterou, ainda, que apesar da desinflação nos preços ao consumidor, há preocupações com a elevação da inflação acumulada em 12 meses no 2º semestre e com as diversas medidas de inflação subjacentes que permanecem acima do intervalo compatível com o cumprimento da meta para a inflação.

Entre as reuniões, as expectativas de inflação para 2023 e 2024 apuradas pela pesquisa Focus recuaram, respectivamente, de 5,4% para 5,1% e de 4,2% para 4,0%. No seu cenário de referência também houve reduções nas projeções, com o IPCA deste ano caindo -0,8 p.p. para 5,0% e para 2024 em -0,2 p.p. para 3,4%, mas ambos mantendo-se acima das metas. As projeções para a inflação de preços administrados cederam -1,8 p.p para 9,0% em 2023 e -0,6 p.p. para 4,6% em 2024. Ainda, o Copom optou por remover do comunicado as projeções do cenário de Selic constante ao longo de todo o horizonte.

Na atualização dos fatores de riscos, destacou de um lado, a existência de alguma incerteza residual sobre o desenho final do arcabouço fiscal, mas por outro, minimizou a possibilidade de uma queda adicional dos preços das *commodities* internacionais em moeda local, dado que parte importante desse movimento já tenha sido verificado.

Ainda, o ambiente externo se manteve adverso, contudo, houve revisões positivas para o crescimento do ano. Apesar da atenuação do estresse bancário nos EUA e na Europa, a situação continua demandando monitoramento. Além disso, os bancos centrais permanecem determinados em promover a convergência das taxas de inflação para suas metas, inclusive com a retomada de ciclos de elevação de juros em algumas economias.

Finalizando, o comunicado relembrou que a conjuntura demandaria paciência e serenidade na condução da política monetária e que os passos futuros dependerão da evolução da dinâmica inflacionária, em especial dos componentes mais sensíveis à política monetária e à atividade econômica, das expectativas de inflação, destacadamente para os prazos mais longos, de suas projeções de inflação, do hiato do produto e do balanço de riscos.

Cenário Básico

Cenário Básico - Projeções		
	2023	2024
	Cenário de Referência	
Câmbio* R\$/US\$	R\$ 4,85	R\$ 4,85
Selic %	12,25%	9,50%
Preços Administrados	9,00%	4,60%
Inflação	5,00%	3,40%

* Ajuste pela paridade do poder de compra (PPC)

** Adota-se a premissa na qual o preço do petróleo segue aproximadamente a curva futura pelos próximos 6 meses e aumentar 2,0% a.a. posteriormente.

*** Adota-se a hipótese de bandeira tarifária "verde" em dez/23 e dez/24.

Monitor do PIB – Abr/23

Contrastando com a elevação de 0,56% verificada no IBC-Br do Banco Central, o monitor do PIB da FGV mostrou que a atividade econômica sofreu uma retração de -1,2% na comparação entre abril e mar/23. Em relação a abr/22, houve uma alta de 3,0% e o crescimento interanual para o trimestre móvel findo em abril foi de 3,8%.

A queda do mês, contudo, era esperada, dado que o resultado do 1T23 foi fortemente influenciado pela agropecuária, sobretudo a safra da soja, cuja colheita comumente tende a ser menor a partir do 2º trimestre.

Na análise desagregada dos componentes da demanda, na comparação interanual da série trimestral, o consumo das famílias avançou 2,9% no período findo em abril. Embora exista, desde finais de 2022, uma tendência de redução desta taxa. O consumo de serviços é o principal componente a explicar essa evolução, ainda que seja o componente que mais cresça, tem apresentado perda de força desde o início do ano.

A formação bruta de capital fixo (FBCF) registrou crescimento de 0,3% no trimestre móvel findo em abril. No período, máquinas e equipamentos apresentaram retração, enquanto o segmento da construção seguiu avançando.

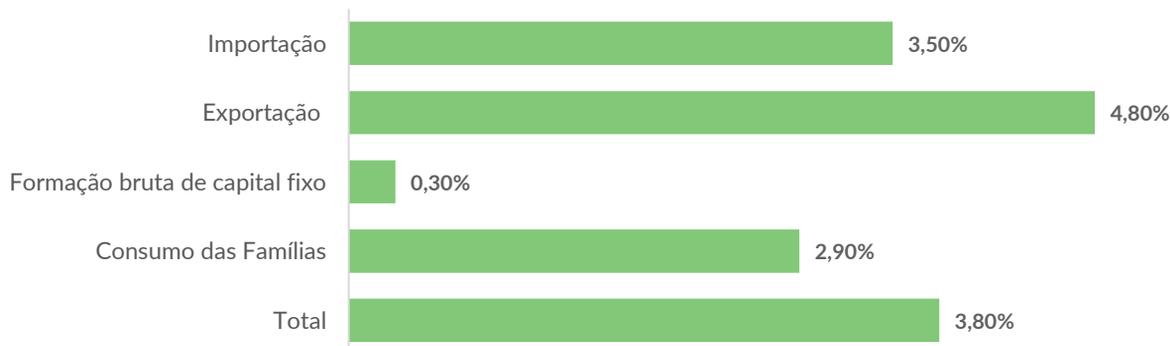
Do lado externo, as exportações de bens e serviços cresceram 4,8% no período, com as contribuições de produtos da extrativa mineral, agropecuária e serviços. Por sua vez, as exportações de bens de consumo, bens de capital e de intermediários contribuíram negativamente. Já as importações apresentaram alta de 3,5% no trimestre. Todos os seus componentes contribuíram positivamente, com exceção dos produtos agropecuários e de extrativa mineral.

Ainda, a FGV estima que a taxa média de investimento de abril ficou no mesmo patamar da média histórica desde 2015, 16,6%. A tendência de redução nesse indicador pode estar ligada aos juros elevados, que inibem os investimentos, e particularmente neste ano, ao desempenho agropecuário.

Nos próximos meses, espera-se uma desaceleração no ritmo de crescimento da atividade econômica de forma compatível com os efeitos defasados da política monetária, os juros elevados, alto endividamento das famílias, crédito mais restrito e o menor fôlego para o setor de serviços. Nesse sentido, na mais recente edição do Boletim Macro do FGV/Ibre, a projeção de aumento do PIB está em 0,8% para 2023, valor bem inferior ao apresentado pelo levantamento Focus.

Contudo, pode ser que o consumo das famílias ainda possa dar um impulso adicional ao PIB no 2T23 em função das iniciativas de governo, como o aumento do salário mínimo, do novo Bolsa Família e, também, pela queda nos preços dos alimentos.

Varição interanual da Série Trimestral Trimestre móvel findo em abril



Fonte: FGV IBRE. Elaboração: ABBC.

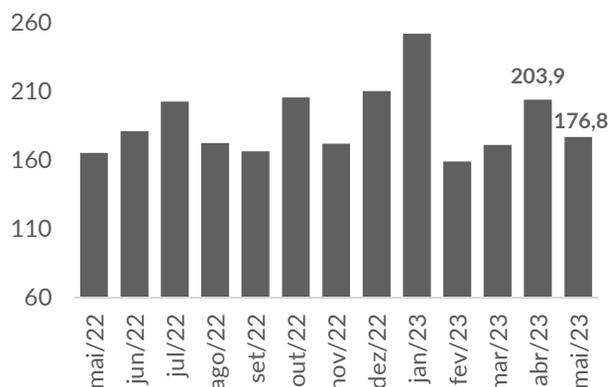
Arrecadação Federal – Mai/23

A arrecadação federal via impostos e previdência somou R\$ 176,8 bilhões em maio ante R\$ 203,9 bilhões em abr/23, uma queda de -13,5% na margem, porém com uma alta de 2,9% em termos reais na comparação com mai/22, o que se traduziu no melhor resultado para o mês em toda a série histórica iniciada em 1995.

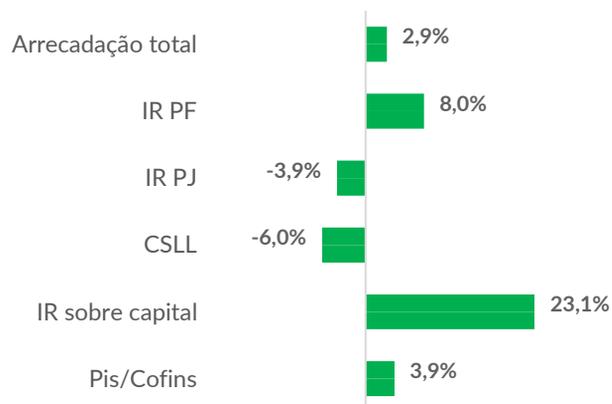
A boa performance em relação a mai/22 adveio da alta da arrecadação de impostos relacionados ao mercado de trabalho e ao crescimento real de 4,4% da massa salarial. No período, as receitas previdenciárias cresceram 7,0%, em termos reais, para R\$ 48,4 bilhões. As receitas com o imposto de renda registraram alta de 3,6% para R\$ 58,6 bilhões, com aumento de 8,0% se consideradas apenas o IRPF. Destaque ainda para o incremento de 23,1% no IRRF-Rendimentos de Capital, impulsionado pelas aplicações de renda fixa. Ainda, a arrecadação de tributos relacionados ao consumo voltou a se recuperar, provavelmente já refletindo as medidas anunciadas pelo governo, como a reoneração dos combustíveis e a alteração no cálculo dos créditos tributários do Pis/Cofins. Em conjunto, o PIS/Pasep e a Cofins apresentaram uma arrecadação de R\$ 35,0 bilhões, representando acréscimo real de 3,9%. As receitas administradas pela Receita Federal, deflacionadas pelo IPCA, atingiram R\$ 171,4 bilhões, uma alta real de 3,5%, ao passo que as outras receitas administradas pela RFB apresentaram arrecadação de R\$ 3,7 bilhões, com acréscimo real de 38,8%.

No acumulado do ano, a arrecadação alcançou o valor de R\$ 962,5 bilhões, representando um acréscimo pelo IPCA de 1,0%. A evolução anual do indicador acumulado em 12 meses, também em termos reais, manteve trajetória cadente, fechando maio em 4,5% a.a. ante 4,6% a.a. em abr/23 e 12,6% a.a. em mai/22. Na mesma base comparativa, a receita com impostos cresceu 3,8% a.a. em maio (3,9% a.a. em abr/23 e 15,9% a.a. em mai/22), enquanto a receita via previdência registrou alta de 6,6% a.a. ante 6,7% a.a. em abr/23 e 3,9% a.a. em mai/22). Em termos prospectivos, a arrecadação deve apresentar um comportamento mais moderado, em consonância com a queda dos preços das commodities e a desaceleração no ritmo de avanço da atividade econômica, em meio aos efeitos defasados da política monetária.

Arrecadação Mensal Impostos e Previdência – em R\$ bilhões



Varição Interanual



Acumulada em 12 meses Deflacionada pelo IPCA



Fonte: Receita Federal. Elaboração ABBC

ICF - Jun/23

Em junho, o índice de Intenção de Consumo das Famílias (ICF) da Confederação Nacional do Comércio (CNC) manteve a sequência de altas, chegando ao patamar de 100,8 pts., na série livre de influências sazonais. Este resultado equivale a uma alta de 2,6% na margem, após o aumento de 2,4% em mai/23, e uma elevação de 21,3% em 12 meses.

Assim como em mai/23, todas as aberturas registraram crescimento nas comparações mensal e anual. Dos 7 indicadores considerados, 4 estão na zona favorável acima dos 100 pts., como são os casos de satisfação com emprego e renda atuais, a perspectiva profissional e de consumo.

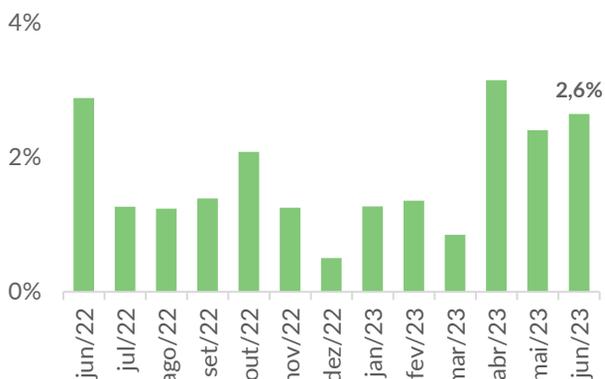
A dinâmica de junho foi principalmente influenciada pelo desempenho positivo de Momento para Duráveis, que apresentou altas de 6,5% no mês (5,5% em mai/23) e de 41,2% em 12 meses, contudo ainda mantém-se em um nível muito reduzido, 57,8 pts.. Destaca-se ainda a perspectiva Profissional, com expansões de 4,9% no mês (frente avanço de 1,2% em mai/23) e de 14,4% em um ano, indicando maior segurança no emprego.

Ademais, há maior satisfação com o emprego atual, cujo índice registrou seu maior nível desde mar/15 (122,3 pts.), com variação mensal de 1,8%.

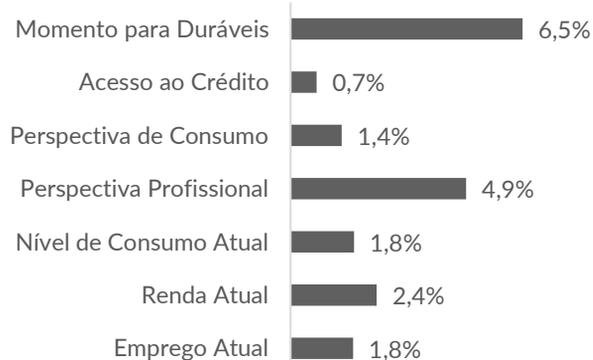
O Acesso ao Crédito, por sua vez, apresentou variação de 0,7% na margem e está pior na visão de 38,5% dos consumidores consultados. Esta é a maior proporção observada desde nov/22.

Por fim, no recorte por faixas de renda, observa-se que foi mais expressivo o avanço na intenção de consumir para consumidores de rendas média e baixa (3,1%), frente aqueles de renda alta (2,2%). Dentre os com até 10 salários mínimos, aproximadamente 52% têm perspectiva profissional positiva.

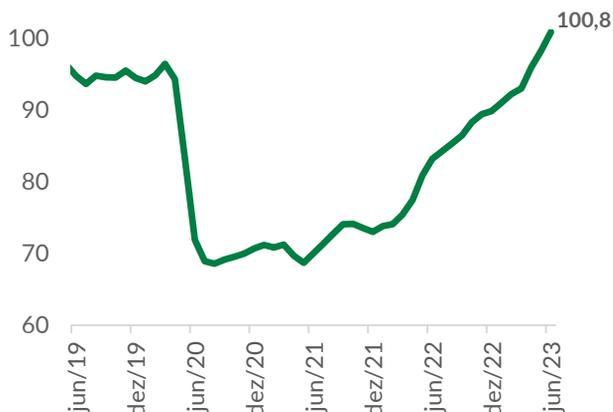
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação Mensal Por grupo - com ajuste sazonal



Evolução do Índice



Fonte: CNC. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,0	1,3
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	6,9	8,3
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	8,8	9,0
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	5,1	4,0
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-1,7	4,0
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	12,00	10,00
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	58,6	55,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-47,5	-53,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	80,0	80,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	5,00	5,10
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,1	-0,7
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,9	-7,0
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,8	64,4
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	76,7	79,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688